



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à revista Época

Publicada em 23 de maio de 2009

Jornalista: Presidente, a gente está fazendo uma edição especial, que é sobre o futuro do Brasil. Esse é o nosso tema, e a gente disse assim: a visão para o País, na próxima década, é muito otimista. As pessoas falam que a gente vai adquirir maior peso no cenário internacional. O que a gente quer saber é o seguinte: como é que o homem que governa o Brasil há quase sete anos pensa no futuro do País? O senhor discute o futuro? O senhor fala sobre o futuro com os ministros? A vida do Presidente permite esse tipo de planejamento? Como o senhor faz? Pensa assim: “eu quero o futuro desse jeito ou daquele?” Com quem o senhor fala sobre isso, e quando foi que começou a dar para pensar no futuro?

Presidente: Eu penso que nós já nascemos pensando no futuro.

Jornalista: Nós, brasileiros?

Presidente: [Durante] a minha vida inteira eu pensei no dia seguinte e não no dia anterior, porque senão você não programa a sua vida, você não programa o seu dia-a-dia. Quando nós lançamos o PAC, no dia 22 de janeiro de 2007... O PAC é um programa para o futuro deste país, não é um programa para o meu governo, é um programa para o futuro do Brasil. Essa crise, agora, é mais uma oportunidade de a gente pensar mais no futuro ainda. Em vez de a gente ficar estagnado, chorando, porque está tendo deficiência nesse ou naquele setor... Isso faz parte do capitalismo, tem um setor que vai bem e outro vai mal. O importante é que a média esteja bem para você fazer os investimentos que



precisa fazer.

Eu vou lhe dar um exemplo do que é pensar no futuro. A Petrobras... Dois meses atrás, tinha uma reunião do Conselho em que a Petrobras iria anunciar uma prorrogação da programação de investimentos dela até 2013, para 2017. Eu fiquei sabendo, mandei chamar o Conselho da Petrobras aqui no Salão Oval do Palácio do Planalto, e decidi que a Petrobras não ia prorrogar o plano de investimentos. Nós deveríamos fazer mais sacrifícios, mais empréstimos e concluir a obra. Por quê? Porque nesse momento de crise, quanto mais coisas você fizer para a frente, mais você está garantindo o futuro do País. Um futuro com portos, com aeroportos, com ferrovias, com rodovias, com internet. E foi isso o que nós fizemos.

E o PAC... Quando terminar esta reunião, eu vou mostrar para vocês o mapa do Brasil, que eu estou pedindo para a Embrapa fazer um acompanhamento mensal de fotografias por satélite sobre obras do PAC, para vocês perceberem que eu... Eu não acredito que hoje tenha no mundo nenhum país... Veja que eu estou sendo muito ousado de dizer isso: eu ousou dizer que não existe no mundo, hoje, nenhum país com a quantidade de obras simultâneas que existe no Brasil: eclusas, hidrelétricas, quilômetros de ferrovias, adutoras para levar água para todos os lugares do País, saneamento básico.

Agora, com o programa habitacional... Posso pegar o Rio de Janeiro – você é carioca, não é? – como exemplo. Eu duvido que nos últimos 30 anos o Rio de Janeiro teve a quantidade de obras que tem com o dinheiro do governo federal ou financiamento... Tudo isso é pensando... O que nós queremos? Daqui a dez anos eu não quero mais que o Rio de Janeiro seja conhecido como o estado que tem a favela da Rocinha, a favela do Complexo do Alemão, a favela Pavão-Pavãozinho. Eu quero que as pessoas as vejam como bairros, e isso é pensar no futuro do País. Então, eu trabalho... Eu, agora, por exemplo, quando chegar 2010, vou apresentar um PAC para 2010-2014. Embora eu não



esteja mais no governo, eu quero deixar, para quem vier depois de mim, uma prateleira de projetos aprovados, que se a pessoa quiser fazer... Pode até não querer fazer...

Jornalista: Mas estão lá.

Presidente: ...mas não vai acontecer o que aconteceu comigo, que o Ministério do Planejamento não tinha um projeto aprovado. Nós tivemos que começar a fazer tudo do zero: fazer projeto básico, projeto executivo, licença prévia, fazer uma série de coisas que demoram três anos. Hoje, no Brasil, nenhum governante consegue fazer uma obra estruturante em um mandato de quatro anos. Preste atenção nisso: nenhum governante conseguirá fazer uma obra estruturante em quatro anos. Se Juscelino Kubitschek fosse presidente hoje e decidisse fazer Brasília em cinco anos, ele ainda não tinha conseguido licença prévia para fazer a pista para ele descer com o teco-teco dele aqui. Por quê? Porque durante quase 30 anos este país ficou estagnado e nós fomos criando instrumentos de fiscalização, instrumentos de controle. Nada que justificasse investimento, produção, e tudo para a fiscalização. Então, hoje nós somos cercados por nós mesmos. Nós criamos instrumentos, mais instrumentos e mais instrumentos de fiscalização. Então, entre querer construir uma hidrelétrica, fazer um estudo básico para construir a hidrelétrica, apresentar o EIA/Rima, fazer o projeto executivo, fazer o processo de licitação e concluir a obra, meu caro, terminou o mandato.

Então, o que eu quero? Eu quero deixar este país preparado para que, quem vier depois de mim... O nosso propósito é deixar 32 mil megawatts preparados, de projetos, para que quem vier, está pronto o projeto, é começar a obra. Você sabe que é um emaranhado de coisas absurdas que tem no Brasil. Talvez até necessárias. Eu não estou nem questionando que não sejam necessárias, mas o rito é um rito absurdo que faz com que quem governa fique



doido. Eu me conheço bem, eu sei o jeito que eu trabalho. Eu fiscalizo as coisas, eu cobro, eu crio comitês gestores, eu me reúno mensalmente para discutir o PAC, eu quero acompanhar cada obra – por que ela está atrasada? Por que ela não anda? – e aí, é um verdadeiro inferno. Se um presidente apenas dá ordem para um ministro fazer e não acompanha mensalmente, o presidente fica esperando inaugurar a obra, e quando chega ao final do mandato dele, ele pergunta: e a obra? “Não teve licença”.

O PAC foi um pensamento para o futuro. Se cada presidente da República que passar pela Presidência deste país deixar um projeto de obras estruturantes para que o outro faça, as coisas principais do País, porque não tem que ser da vontade do governo fazer uma ponte porque eu quero fazer uma ponte... Mas fazer as coisas que são principais para o País, prioridades, este país dá um salto de qualidade excepcional nos próximos 20 anos. Vamos pegar uma geração. Vamos pegar uma geração. Este país dá um salto extraordinário. Além disso, você não pode pensar no futuro se você não pensar em ciência e tecnologia, se você não pensar em Educação.

Jornalista: Uma coisa: com toda a sua história, a sua biografia, a sua vida e tudo isso, o senhor venceu muitas coisas. Tudo, não é? Hoje é o presidente mais popular da história do Brasil. Eu queria perguntar: a força que carregou o senhor, que carrega, ouvindo esse discurso e tudo isso, o senhor é otimista por temperamento ou o senhor é o pessimista que trabalha muito?

Presidente: Eu sou otimista, Paulo. Você me conhece há muitos anos. Se eu não fosse otimista, eu não teria contribuído para mudar a história do movimento sindical brasileiro. Naquele tempo, qual era o discurso do Partidão, que era o pessoal mais experimentado no movimento sindical? “Ah, você não vai conseguir mudar nada, porque a CLT não permite, porque a Lei de Segurança, porque é a Lei 4.330 que regula o direito de greve. Você não vai poder fazer



nada. Você vai entrar no Sindicato e vai ficar um círculo vicioso, e não sei das quantas”. Eu falei: mas eu não sou obrigado a ficar olhando a lei para ficar imobilizado. Nós fizemos greve, passando por cima da lei de greve; nós fizemos um novo sindicalismo, passando por cima da Lei de Segurança Nacional; nós fazíamos discurso na porta de fábrica ao meio-dia, que muita gente da esquerda passada, para fazer metade daquele discurso, fazia uma reunião clandestina porque ninguém podia saber. Nós fomos cavando um buraco. Então, eu sempre achei, na minha vida, quando eu... eu sempre achei o seguinte: não há espaço para reclamar. Talvez eu tenha aprendido isso com a minha mãe. Talvez tenha sido uma das lições que ela me deu. Eu me lembro de momentos em que ficávamos sentados eu, minha mãe, Frei Chico, minhas duas irmãs, Franklin, lá em casa, na Vila São José, em São Caetano, Padre Mororó, todo mundo desempregado – isso lá para os anos 65, 66 – todo mundo desempregado, e nem tinha o que colocar no fogo para cozinhar. Não tinha. E eu nunca vi minha mãe reclamar. Nunca a vi chorar e dizer “as coisas estão ruins”...

Jornalista: Está ruim, não vai dar certo...

Presidente: Talvez esse tenha sido o exemplo de vida que eu segui. Eu não tenho tempo de reclamar. Acho que... a minha reclamação é de cobrança dos companheiros. Então, eu penso...

Jornalista: O senhor nasceu para cobrar...

Presidente: Eu penso sempre assim, Paulo: os obstáculos existem para a gente superá-los. Não tem... Quem me acompanha, aqui, de perto sabe que eu não tenho tempo para ficar achando: não dá para fazer, é impossível. Vamos trabalhar. Aqui no governo tinha o hábito de um ministro não fazer as coisas e



jogar a culpa no outro. “Ah, eu não estou fazendo tal coisa porque o ministro do Meio Ambiente não deu licença. Eu não estou fazendo tal coisa porque o Ibama não deu licença. Eu não estou fazendo tal coisa porque não sei quem fez isso. Eu não estou fazendo tal coisa...” Então, nós adotamos agora o chamado *toyotismo*: coloca todo mundo em volta de uma mesa – a Funai, o Ibama, o Ministério do Meio Ambiente, o Ministério de Minas e Energia – para todo mundo, na hora, resolver o problema. Às vezes “ah, mas é o governador que não fez a licença”. Na hora eu pego o telefone e ligo para o governador: estou aqui reunido com os ministros e o ministro Lobão está dizendo que é você não fez tal coisa; o ministro Minc está dizendo que a culpa é do estado. Se não for assim, não funciona. Eu peço uma coisa para você, e você fica dez dias me enganando. Aí você pede para o Franklin, ele te engana dez [dias]. Pede para ele, ele te engana dez [dias]. De dez em dez dias enganando, passa um mês, passam dois meses, passa um ano e as coisas não acontecem.

Então, por Deus do céu, eu não tenho tempo para pessimismo na minha vida, nem pessoal, nem [como] presidente e muito menos em política. Não tenho tempo para pessimismo.

Jornalista: Presidente, se o senhor analisar o seu governo, todos esses anos, qual o senhor considera o maior legado seu para o futuro do Brasil? O senhor gostaria de ter feito algo que não deu para fazer ainda?

Presidente: Tem muita coisa que ainda precisa ser feita. Eu tenho... Eu acho que o maior legado que eu tenho e que eu quero deixar neste país é a relação que o governo conseguiu estabelecer com a sociedade. É o fato de fazer com que parte da sociedade se sinta responsável pelo meu governo. Eu já fiz, nesses sete anos de mandato, mais de 50 conferências nacionais: conferência de habitação no Ministério das Cidades, conferência de saúde, conferência de GLBT, conferência de educação. A última conferência que falta fazer, vamos



fazer este ano, que é a conferência de comunicação. Vamos envolver a sociedade brasileira – espero que vocês participem – para definir a comunicação neste país. Há um avanço extraordinário dos meios de comunicação, a internet é uma revolução que está deixando o jornal velho, está deixando a revista velha, está deixando a televisão velha, ou seja, tudo está velho depois da internet. Você vai ver uma notícia daqui a uma hora, já está velha. É uma revolução, e isso tudo não está discutido. TV digital... Então, essa conferência, eu espero que venham todos os empresários de comunicação, espero que venham todos os esquerdistas de comunicação do Brasil, espero que venham todas as pessoas de bom senso, para que a gente possa balizar o Brasil como um modelo de comunicação.

Então, eu acho que essa relação que eu construí com a sociedade vai ser muito difícil um outro governo mudar.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Se mudar, vai ter muito problema. É uma relação de confiança. O que as pessoas têm que perceber? As pessoas têm que perceber que quando você exerce o governo, você não governa para você. Necessariamente, as ideias não têm que ser suas. Talvez essa seja uma vantagem que eu tenha sobre outros presidentes. Quando o cara é bem-formado intelectualmente, ele acha que sabe tudo, tudo o que se apresenta para ele, ele já sabe, então ele não dá nem ouvidos. Como eu não sei de muita coisa, eu tenho uma capacidade de ouvir muito grande, muito grande, e muitas sugestões eu vou encaminhando, vou fazendo, vou fazendo, e as coisas vão dando certo. Se os governantes do mundo aprendessem a ouvir, seria muito melhor para o mundo. Então, esse é um legado que eu considero.

A minha relação com o movimento sindical. É só vocês analisarem quantas greves houve em outros governos e quantas greves há no meu



governo, para vocês perceberem que é uma relação... Eles nunca tiveram tanto reajuste como estão tendo no meu governo, e há uma relação de lealdade: quando eu posso, eu dou, quando eu não posso, eu não dou. Eu só quero lealdade na relação, confiança. Quando os seres humanos estabelecem uma relação de confiança, que eu posso chegar para uma pessoa e dizer “olha, eu não vou te dar 10% de aumento no mês que vem, porque eu não tenho dinheiro. Mas na hora que eu tiver, eu dou”. Se a pessoa que está do outro lado confiar, está resolvido o problema. Duro é que durante muito tempo a sociedade não tinha nenhuma razão para ter essa confiança. Então, eu estabeleci essa lógica. Eu acho que o grande legado que um presidente da República pode deixar para a sociedade é a relação que ele estabeleceu. Eu me lembro do horror que eu criei quando eu fui participar do congresso GLBT, eu me lembro da preocupação da minha assessoria: “Muito cuidado, eu acho que você não deveria ir”. Por que eu não vou? Na hora de pagar Imposto de Renda, ninguém quer saber se o cara é homossexual, se é travesti, ninguém quer saber. Na hora de votar, eu nunca vi um candidato chegar na fila e falar: “eu não quero seu voto”. Então, por que não tratar em igualdade de condições? É muito melhor, é muito mais saudável. E outra coisa, Paulo, que eu compreendi – e talvez eu tenha compreendido porque eu apanhei muito na vida. É o seguinte: não compensa, na nossa passagem pela Terra, a gente ter raiva. Não compensa ter ódio de alguém. Qual é a desgraça de quem tem ódio? É que quem sofre é quem tem ódio. O cara que é odiado nem sabe que você o odeia. Então, você fica sofrendo à toa. E essas lições é que norteiam o meu dia-a-dia.

O que eu acho que nós precisamos fazer no Brasil? Eu tenho dito que a nova regulamentação da Lei do Petróleo, eu penso que o Brasil tem que ter três coisas importantes para pensar. Primeiro, o Brasil não pode no futuro imaginar que nós vamos ser exportadores de petróleo e participar da Opep. Eu acho que o Brasil tem que ser um exportador de derivados...



Jornalista: É mudar inteiramente...

Presidente: um exportador de derivados, ou seja, nós vamos refinar aqui a gasolina de qualidade que o mundo precisa, o óleo diesel de qualidade, e exportar derivados, para que a gente possa gerar riquezas aqui dentro. Segundo, desenvolver uma forte indústria petroquímica neste país para ser, senão a melhor do mundo, [para] estar entre as primeiras do mundo. Terceiro, ter um fundo para cuidar da educação, especificamente, e para cuidar da pobreza deste país. Se você pegar esse petróleo extra que nós encontramos e colocar na cesta básica das coisas normais que nós já fazemos, daqui a pouco você está gastando dinheiro e não tem nada novo. Então, é o momento de se pensar no futuro do Brasil: daqui a 20 anos, daqui a 25 anos, o que esse petróleo deu de melhoria para a qualidade de vida do povo brasileiro? Então, é assim que eu penso.

Eu tenho frustrações na minha vida porque... a primeira frustração é que as coisas demoram muito. Às vezes, o Tribunal de Contas levanta um problema em uma obra, e demora um ano para resolver. Um ano é um quarto do mandato, acabou o mandato, acabou. Então, eu acho que as coisas são... tem muita coisa... por exemplo, eu estou feliz com o que a gente está fazendo na educação, mas eu poderia estar muito [mais] feliz. Nós, pensando no futuro, se você pegar... você vai perceber o seguinte: de 1909, quando Nilo Peçanha fez a primeira escola técnica na cidade de Campos de Goytacazes, no Rio de Janeiro, até 2003 foram feitas no Brasil 140 escolas técnicas, em 97 [94] anos. Em oito anos, nós vamos fazer 214. Só este ano eu vou inaugurar 100 escolas técnicas profissionais. Se você imaginar o significado, para o futuro deste país, do ProUni, com 535 mil alunos. Se você imaginar, para o futuro do Brasil, o Reuni. O Reuni, que a chamada esquerda contemporânea - porque a esquerda



do passado era mais madura – invadiu reitorias, quebrou vidros de reitorias... Qual era a mudança que nós queríamos fazer? Nós queríamos apenas aumentar de 12 alunos por professor, em média, para 18 alunos por professor, em média, que era para aumentar. E eles não queriam porque achavam que era muito aluno dentro de uma sala de aula. Nós fizemos. Sabe o que isso significou? Isso significou que durante várias décadas, com 54 universidades federais, nós tínhamos uma renovação anual de apenas 113 mil alunos. Este ano já tivemos uma renovação de 227 mil, dobramos, por conta do Reuni, fora 14 universidades federais novas, fora a universidade federal Brasil-África, a universidade federal Brasil-América Latina, e fora 98 campi avançados que estamos fazendo pelo interior do país. Até Garanhuns já ganhou universidade, até Garanhuns. Então, eu sou um homem que tenho clareza de que ou nós investimos em educação, que é o valor agregado mais extraordinário que um país pode ter, ou a gente vai ser exportador de matéria-prima.

Jornalista: Agora, tem um tempo que a gente precisa fazer isso, não é? Porque a população vai envelhecer, vai envelhecendo. As mulheres hoje já têm menos filhos, e as crianças estão nascendo, estão estudando, vão entrar na escola... E a gente tem aí 20 anos, mais ou menos, até a população do Brasil estabilizar. Esse é o período em que a gente precisa...

Presidente: Esse é o período de crescer. O que acontece é que no Brasil, muitas vezes, nós não acreditamos em nós. Aí fica muito difícil. Eu vou lhe contar uma história. Essa semana tem um fato novo na história do Brasil, pouco divulgada: o Brasil passou a Rússia em produções científicas nas revistas especializadas. O Brasil é o 13º país do mundo, hoje...

Jornalista: Não sabia.



Presidente: Por quê? Porque nós criamos um PAC de Ciência e Tecnologia que é o primeiro projeto de ciência e tecnologia que não é do ministro Sergio Rezende, não é do presidente Lula. Nós ouvimos a sociedade, a comunidade científica aprovou, por unanimidade, e a comunidade científica administra. Quando nós lançamos o PAC e aprovamos, eu pedi para a comunidade científica acompanhar de perto a execução do PAC, porque o problema do Brasil não é só de dinheiro, é de execução, é de capacidade de fazer aquele dinheiro gerar alguma coisa.

Nas obras do PAC, todo mês quando eu faço reunião, se tem uma obra que está com problema e tem 300 milhões destinados àquela obra, eu tiro o dinheiro daquela obra. Se tem problema, fique com o problema, vamos fazer outra obra. O que eu não posso é deixar 300 milhões paralisados. Eu estou precisando gerar empregos, eu estou precisando fazer um monte de coisas, eu pego o dinheiro e coloco em outro lugar. Ontem mesmo eu tirei do Geddel, aqui, quase R\$ 600 milhões. Por quê? Porque tem problemas: porque tem problema com o governo do estado, porque tem problema com o prefeito, porque tem problema com o meio ambiente, porque tem problema com a Funai. Se tem problema e é difícil, é. Então... tem problema com o Tribunal de Contas da União. Então, não vamos ficar com R\$ 600 milhões parados, se eu tenho necessidade de colocar em outro lugar. Eu vou fazendo isso.

Então, esse PAC da Ciência e Tecnologia é uma coisa extraordinária.

Jornalista: Agora, o ensino médio?

Presidente: Eu, talvez, seja o único presidente da história do Brasil que tenha participado de uma reunião da comunidade científica na sede da SBPC, e todos estarem de acordo com o governo. Como eu participei de muitas reuniões da SBPC e era...



Jornalista: Era tudo oposição...

Presidente: (incompreensível) por quê? Porque eles se sentiram feitores da obra. A obra não é minha, a obra é deles. Eles fizeram, e eles têm que fazer acontecer, agora.

Nós temos uma preocupação com o ensino fundamental e com o ensino médio. Você viu que o último Enem mostrou uma certa fragilidade nos estados.

Jornalista: Os números não são muito animadores.

Presidente: Agora, tem um número bastante animador, que é a diferença da qualidade do ensino das escolas federais, que são poucas, para as escolas estaduais. Isso nos leva a fortalecer a parceria com os estados. Na hora em que nós percebermos que nem o (incompreensível) quer se intrometer e ser dono da escola municipal ou estadual, e se nem o governador falar “essa escola é minha, ninguém tasca”, na hora em que a gente descobrir que se a gente trabalhar juntos, a gente pode melhorar, é importante.

Eu vou te contar um caso. Quando nós chegamos aqui, você fazia uma avaliação da escola... do ensino fundamental. Você pegava por volta... o número, depois, a gente pode ver com o Fernando Haddad. Eu não sei se eram 200 mil alunos ou 400 mil alunos em uma quantidade de escolas, e fazia uma avaliação. Eu falei: não.

Jornalista: Uma amostragem.

Presidente: Eu falei: não, por que fazer amostragem? Por que não faz com todo mundo? “É difícil”. É difícil o ... – desculpe, aqui – Vamos fazer. Começamos a fazer. E nós estamos percebendo que há uma melhora. Vai melhorando, é uma coisa lenta. Uma criança, para melhorar, você vai descobrir



depois de quatro anos de escola. As escolas federais técnicas que estamos fazendo vão balizar a qualidade do ensino no Brasil.

Jornalista: Estão criando uma referência, a idéia é...

Presidente: Eu acho que é importante criar uma referência, porque quando a sociedade começar a falar o seguinte “eu vou a tal escola, porque é melhor do que tal”, aquele diretor da tal [escola] vai querer melhorar a sua escola.

Por isso é que nós criamos o PDE, o Plano de Desenvolvimento da Educação, para passar mais dinheiro para os estados, porque houve um erro no governo passado. Quando se universalizou o ensino fundamental, foi importante. Mas se esqueceram que depois do ensino fundamental tem o 2º grau, e não se pensou nisso. Então, o PDE foi criado para isso, o Fundeb foi criado para isso.

Eu vou contar um exemplo para vocês, de uma coisa milagrosa que aconteceu neste país. Em 2004, eu recebi na minha sala uma senhora chamada Sueli Druck que era, na época, coordenadora do Instituto Nacional de Matemática Aplicada, que fazia Olimpíada de Matemática em escolas privadas. Nós tínhamos, acho que 274 mil alunos participando. Quando ela me mostrou aquilo, eu fiquei muito interessado. Aí eu fiquei sabendo que a Argentina tinha 1 milhão e pouco de alunos que participavam, que os Estados Unidos tinham 6 milhões, e eu falei: vamos fazer na escola pública? Vamos fazer? “Ah, mas aluno de escola pública...” Ela, não. Outras pessoas. A Sueli era totalmente favorável. “Escola pública não vai participar, as crianças vão para a escola para comer, as crianças vão atrás da merenda escolar”. Abrimos as inscrições. Sabe quantas crianças se inscreveram? Dez milhões e meio. Isso, em 2005. Em 2006 a Justiça Eleitoral proibiu a gente de fazer comunicado convocando os alunos para se inscreverem, por causa da eleição. Veja que absurdo. Não deixou colocar uma placa na porta das escolas.



Jornalista: Ah é?

Presidente: Inscreveram-se 14 milhões e meio.

Jornalista: Mesmo sem...

Presidente: Mesmo sem... Este ano... Sabe quantas crianças participaram, em 2008? Dezoito milhões e 300 mil crianças.

Jornalista: As crianças estão querendo, não é?

Presidente: Lógico. Estão querendo e nós damos medalha de ouro, medalha de prata, medalha de bronze, nós damos bolsa da Capes para essas crianças continuarem estudando, para incentivar. Agora vamos começar a incentivar as empresas a contratarem esses meninos como... porque são gênios. Esses que ganham medalhas de ouro são gênios, são gênios. Como é que o País pode prescindir dessa quantidade de crianças que têm um potencial em Matemática, extraordinário? No ano passado eu fiz a primeira de Português e este ano eu vou fazer a primeira de Ciências, que são as matérias mais...

Jornalista: Mais (incompreensível)

Presidente: ...mais importantes. Então, eu acho que isso é pensar um pouco no futuro deste país. A gente não tem... Eu acho que aos poucos está acabando aquele tipo de governante... Vocês estão lembrados de que na década de 70, todo governante entrava, passava muita necessidade no primeiro, no segundo, no terceiro ano, para juntar dinheiro, para depois começar um monte... Acabou isso. Um governante hoje tem que governar para



o seu neto. Ele tem que pensar no mundo em que o seu neto vai sobreviver, não no mundo dele. Não é para mim. Então, eu acho que essas coisas é que motivam...

Jornalista: Muito mais do que parece, o senhor sempre olhou para o longo prazo, olhou para uma coisa mais longe do que o curto prazo, do que o amanhã imediato, assim.

Presidente: Você sabe que tem uma combinação. Você está lembrado da nossa famosa discussão na década de 80: se a gente iria melhorar a vida do povo, tinha que ter o Socialismo primeiro para melhorar. Tem que ter uma mistura. Você tem que ter o seu projeto de longo prazo, mas você não pode descuidar do dia-a-dia das pessoas. Você não pode dizer para o cara que está passando fome: você espera aqui que, a longo prazo, isso vai melhorar. Eu tenho que dar comida para ele, para ele sobreviver e participar da construção do longo prazo. Eu acho que essa combinação... Isso eu trago do movimento sindical. Eu trago esse aprendizado de tantas coisas que eu fiz. Aprendi com a greve dos jornalistas, de 1979.

Jornalista: Aprendeu com aquela?

Presidente: Aprendi muito. Eu aprendi como não se deve fazer greve.

Jornalista: Só para humilhar, só para humilhar.

Presidente: Não, não é não. É porque...

Jornalista: Coitado do David.



Presidente: Não, mas não, é porque... o David era o menos culpado ali. Ali tem mais gente culpada. Porque era o seguinte: é que, de repente, você fez uma greve de jornalistas achando que somente o jornalista era importante. Você não levou em conta o distribuidor, você não levou em conta a gráfica, você não levou em conta... Metade do pulmão da imprensa estava fora.

Jornalista: Quando você fala do futuro, das coisas que poderiam ser coisas que você... que não deu para fazer...é o seguinte: o senhor acredita que o Brasil poderá ter no futuro um sistema político – sei lá – mais saudável, melhor, menos escandaloso?

Presidente: Acho.

Jornalista: Por que você acha?

Presidente: Porque hoje, embora as pessoas ainda vacilem, hoje é quase um consenso entre as pessoas que fazem política neste país que é preciso ter uma reforma política profunda, que não é possível os partidos serem o que são hoje.

Jornalista: Então isso vai acontecer?

Presidente: Eu acho que vai acontecer, será inexorável. Nós mandamos sete propostas, para o Congresso Nacional, de reforma política. Eu não queria mandar. Passei todo o tempo achando que não era uma coisa do Poder Executivo, que era uma coisa do Poder Legislativo, que era uma coisa dos partidos políticos.

Acontece que eu via eles não fazerem, e eu falei: eu vou mandar. Se quiserem utilizar, utilizem. Conversamos com o Temer, conversamos com o Sarney, e está lá. Tem um relator que parece que está trabalhando direitinho.



Precisa mudar alguma coisa. A coisa mais barata para uma eleição neste país é aprovar o fundo público de campanha. O que não dá é para ficar em uma promiscuidade eleitoral entre o político e a classe empresarial brasileira, entre os partidos, ninguém manda em ninguém. Não tem...As coisas têm que ser mais transparentes, os partidos têm que ter força. Você tem que negociar com o partido, você não tem que negociar individualmente.

Jornalista: Todo partido tem que ter líder, não é?

Presidente: Eu acho, eu acho. E para isso a questão da...

Jornalista: Da lista, da lista.

Presidente: ...a questão da lista é importante, e o partido tem que ter poder porque aí você tem... Qualquer presidente tem com quem negociar. Duro é quando você quer construir uma democracia e você não tem instrumentos de negociação. Você tem que negociar com pessoas, e não com partido. Eu acerto uma coisa com o deputado Paulo Moreira Leite, em nome de um partido "A". Aí, vem um outro deputado e fala: "Não, não é isso que eu queria".

Jornalista: "Ele não fala por mim. Eu me represento".

Presidente: Então, nós precisamos moralizar isso. Acho que é um consenso de que é preciso moralizar isso, resolver esse tipo de coisa... O que mais você falou de...?

Jornalista: Eu perguntei sobre o sistema político, mesmo. Se era isso aí.



Presidente: Tem que mudar, tem que mudar porque não é possível. Mas, veja, eu acho que tem que mudar um monte de coisas. O importante é que o governante não tem que ter a preocupação de querer fazer essas mudanças a toque de caixa. É muito melhor construir, em um processo mais demorado, e aprovar uma coisa que seja assimilada por todos, do que ter uma legislação eleitoral que o Congresso, por não ter tido coragem de defini-la, a Justiça é que define. Hoje nós estamos judicializando a política.

Jornalista: O que é um problema, não é?

Presidente: O que eu acho um problema extremamente sério, extremamente sério.

Jornalista: Uma pergunta sobre outro... mudando um pouco de assunto. Nos últimos anos, na última década ou nos últimos 20 anos, a gente viveu um período em que se falava em Estado mínimo, em desregulamentação, em tudo isso. Com a crise, essa conversa mudou. Hoje em dia, todo mundo fala em mais intervenção, o senhor dá aquele sorrisinho satisfeito. É o seguinte: o que o senhor acha que vai ser na próxima década? O senhor acha que a gente vai continuar num mundo mais intervencionista, menos... Como o senhor vê isso aí?

Presidente: Eu acho que nós fazemos um debate equivocado quando a gente fica dizendo “um Estado mais intervencionista ou um Estado menos intervencionista”. Essa não é a questão. Eu, por exemplo, não defendo um Estado gestor. Eu defendo um Estado regulador e um Estado indutor.

Jornalista: Não gestor.



Presidente: Não gestor. Agora, qual é o dado concreto? Quando você transforma determinado debate em uma coisa eminentemente ideologizada, você não faz nem um nem outro. Você tentar negar o papel do Estado e dizer que o mercado regulava tudo é um crime, é um crime, porque somente o Estado é que tem a competência e a obrigação de pensar em todos. No setor econômico, cada um está pensando em se salvar. Quem tem que pensar no conjunto da sociedade é o Estado. Embora a gente diga “eu sou governante de todos”, você tem que saber... e não precisa ler nenhum livro para aprender isso, você pode conversar com uma dona de casa que você aprende isso. Uma mãe, quando tem cinco filhos, ela vai cuidar, primeiro, daquele que está com mais problemas. Se tem um guloso que come tudo e ainda repete, a mãe não está preocupada com aquele. “Coma, meu filho”. Mas se tem um que está ali no cantinho da mesa e não quer comer, é daquele que a mãe vai cuidar. Então, o governo tem que fazer isso. O governo, embora seja de todos, tem que estar sempre olhando o seguinte: como é que nós vamos alavancar os de baixo para que sejam diminuídos os degraus, a distância de degraus entre as pessoas.

Então, esse é o papel do Estado. Eu fico muito feliz que a teoria do Estado mínimo e do mercado máximo ruiu. Ruiu, não na Venezuela, não na Bolívia ou no Paraguai, mas nos Estados Unidos da América do Norte, na Alemanha, na França, na Inglaterra, em todos os países desenvolvidos, no Japão. Quando aconteceu a quebra do Lehman Brothers, quem era o salvador da pátria? O Estado. A GM já não sabe mais nada, a Ford já não sabe mais nada, os banqueiros... Quem sabe é o Estado. Então, isso aconteceu, eu diria, por providência de Deus: restabelecer a normalidade do papel de cada um.

Jornalista: Normalidade.

Presidente: A normalidade do papel de cada um. E nisso não tem milagre, não tem milagre. Por quê? Porque... Eu passei três meses aqui, angustiado, porque



eu não conseguia entender porque o preço do petróleo tinha chegado a US\$ 150 o barril. A Petrobras não me explicava, a resposta do Chávez não... Todo mundo falava que era a China. “A China está comprando demais, a China está não sei o quê”. Aí despenca feijão, despenca... Ou melhor, sobe feijão, sobe soja, sobe milho. Aí, você perguntava... “Biodiesel”. As pessoas sempre procuram as coisas mais fáceis. E eu querendo saber porquê. Aí, o que nós descobrimos? Quando começou a ficar mais aguçada a crise do *subprime*, o que aconteceu com os especuladores imobiliários americanos? Os caras resolveram aplicar no mercado futuro em *commodities*. Não era a China. Era o mercado futuro. Não era a China que estava consumindo mais soja, era a especulação no mercado futuro, e as pessoas fazendo derivativos.

Jornalista: Com comida, como se fosse...

Presidente: Com comida. O chinês não come feijão, como é que o feijão saiu de 90 para 280 a saca de 60 quilos? Então, isso possibilitou que acontecesse o G-20, e no G-20, o que eu achei mais extraordinário, é que... Eu participei da primeira reunião do G-8 em Evian, em 2003, a convite do Chirac. Eu entrei na reunião, e eu parecia aquele patinho molhado. Eu chego na reunião, estão aquelas figuras que eu via todas na televisão – Chirac, Bush, Koizumi, Tony Blair, Angela... Não, na época era o Schröder – e eu falava: o que eu estou fazendo aqui, rapaz? Aí, o que eu comecei a perceber? Aqueles homens, todos importantes, o papel de governante deles era muito pequeno, porque eles estavam acomodados na ideia de que o mercado faria tudo e que o mercado resolveria tudo. Então, essa crise mostrou o seguinte: o mercado é importante, o mercado é extremamente importante. Agora, se não tiver o grande fiscal sobre o sistema financeiro, se não tiver uma nova orientação para os fundos multilaterais de investimento... Por que o FMI sabia tudo do Brasil, dava palpite em tudo, e por que não dá palpite nos Estados Unidos e na Europa?



Então, eu senti no G-20 agora, diferentemente do G-8, uma humildade extraordinária. Ninguém sabia de nada. Aí, eu comecei a me lembrar das coisas que eu ouvia da minha mãe. Quando você está com um problema... Você está morando em um apartamento, tem um vizinho que tem um problema, aí o vizinho te conta o problema dele, ou porque brigou com a mulher ou porque o filho está com problema, você tem todas as soluções para o filho do vizinho. Agora, quando é dentro de casa, você não tem solução para nada. Aí, eu comecei a perceber que esses países todos tinham todas as lições do mundo para dar para os países pobres. Agora, quando a crise chegou neles, eles não tinham lições para dar. Aí é que eu acho que é importante o Brasil, com muita humildade, sem nenhum nariz empinado, sem nenhuma arrogância, fazer valer o seu aprendizado, fazer valer o seu aprendizado.

Jornalista: Ali você está sendo ouvido, eles estão prestando atenção ali, não é?

Presidente: Aí, Paulo, eu vou te dizer outra coisa do otimismo. No dia 25 de janeiro de 2003 eu fui a Davos. Na volta, depois de conversar com muita gente e ouvir aquela coisa de Davos, no avião eu falei para o Celso: Celso, eu acho que nós temos que mudar a geografia comercial do mundo, e acho que nós temos que começar a pensar em mudar a geografia política. Tem um campo imenso que nós não estamos executando. Todos nós já damos de barato que são os Estados Unidos e a Europa que mandam no mundo. Então, Celso, eu acho que nós temos que fazer algumas coisas importantes. A primeira delas é fortalecer a relação na América do Sul. Eu só terei vez no quintal dos outros se o meu quintal estiver bem arrumado. Segundo, é a gente dar importância para a África. Terceiro, é a gente dar importância para o Oriente Médio. E aí estabelecemos três... Eu viajei todos os países da América do Sul, viajei para 20 países africanos e viajei para sete países do Oriente Médio.



Jornalista: E foi nessa volta de Davos que começou...

Presidente: Foi nessa volta que... Por quê? Veja o comércio, o que aconteceu com esses países nesses anos todos. Também porque o mundo estava estagnado, dando de barato para os conflitos que já existiam. Eram só aqueles, quem mandava eram só aqueles. Eu, por exemplo, estou convencido de que os Estados Unidos sozinhos não resolvem a questão do Oriente Médio, até porque eles são a razão do problema do Oriente Médio.

Então, eu conversei com o Obama agora. Ou nós mudamos os interlocutores... Por exemplo, a Palestina. O Hamas não aceita o acordo que a autoridade palestina fez com Israel e exige um plebiscito. Israel não vai fazer um acordo para ser submetido a um plebiscito em outro país. A Autoridade Palestina não aceita que o Hamas participe da reunião. Se você deixa uma parte do poder de fora, não tem acordo.

Jornalista: Não tem legitimidade.

Presidente: Israel precisa juntar todas as forças que tem lá, e são muitas, colocar em torno de uma mesa e construir uma proposta. Se você tiver uma única proposta palestina e uma única proposta israelense, você chega à paz. Aí você tem que envolver a Síria, tem que envolver a Jordânia, tem que envolver o Catar, tem que envolver muita gente.

Jornalista: E o senhor acha que o Brasil pode ter um papel nesse tipo de negociação?



Presidente: Eu acho que o Brasil pode ter um papel extraordinário. E eu tenho dito para eles: o Brasil só entra... O Brasil não vai pedir para entrar, mas o Brasil só entra se vocês (incompreensível).

Jornalista: O convidarem. (incompreensível) vale a pena.

Presidente: Em negociação, quando tem dois interlocutores que estão tentando negociar há muitas décadas e não dá certo, você tem que trocar os interlocutores. Você tem que colocar gente nova, com pensamento novo, porque senão fica... você já entra contra. Quando você vai para uma reunião, ou você vai com o espírito de não querer acordo e de dizer “então, não tem acordo e acabou”, ou você vai com o espírito construtivo de dizer “eu estou disposto a fazer”. Essa é a primeira pergunta que você tem que fazer em uma mesa de negociação: nós queremos um acordo? Queremos. Então, vamos estabelecer as bases para esse acordo porque, senão, não tem paz.

Jornalista: O que o senhor falou com o Obama, que o senhor estava falando aí... Presidente, lá no G-20 o senhor fez o maior sucesso. O Brasil nunca viu a reputação brasileira tão em alta na imprensa internacional. Eu recebo várias revistas de fora. Eu vi o Brasil, recentemente, duas vezes na capa da *Newsweek* – uma vez era a sua fotografia –, vi o Brasil bem no *Wall Street Journal*, no *Financial Times*, imprensa de renome, e, ao ir para o G-20, o senhor fez o maior sucesso. O Obama o chamou de... como é que era a expressão? “O cara”. Acho que era isso.

Qual é a sua relação com o presidente Obama? Como o senhor vê o papel dele? Qual o senhor acha que pode ser a vantagem ou não de ter alguém como ele na Presidência de uma nação como os Estados Unidos, tão importante?



Presidente: Olha, deixa eu lhe contar. Eu acho que o que aconteceu no G-20 foi uma coisa importante pelo seguinte: primeiro, a composição era bastante heterogênea. Você tinha mais países. Não eram apenas os de sempre: o G-7, depois G-8, depois... Segundo, os países ricos já não estavam arrogantes. Estavam humildes, e o Brasil tinha um sistema financeiro mais ajustado que o deles, o Brasil tinha... O PAC tinha sido feito antes da crise. Aquilo que o Obama falou “vou fazer obra”, nós pensamos em fazer antes da crise.

Então, hoje é reconhecido por qualquer economista do mundo, que o Brasil é o país que está em uma situação mais extraordinária. Então, foi com essa condição que nós entramos no G-20. Eu tenho uma relação pessoal... porque uma coisa que eu prezo muito é minha relação pessoal. Eu sou amigo do Gordon Brown, gosto do Gordon Brown, ele me ajudou muito nos anos difíceis deste país. Ele me ajudou, porque ele falava bem de mim e do Brasil lá fora.

Jornalista: Ah, ele defendia o Brasil... Ele ajudou nesse sentido?

Presidente: Defendia o Brasil. Eu tive uma relação boa com o Bush, muito boa com o Bush.

Jornalista: Isso é sabido mesmo.

Presidente: E com o Obama, eu tenho uma relação muito incipiente ainda, mas é que eu acho que a cara do Obama é a cara nossa, é a cara do Brasil, porra! O fato de eleger um negro naquele país é uma coisa tão extraordinária... Eu falei para o Obama: eleger você, nos Estados Unidos, e o Evo Morales, na Bolívia, é o máximo da democracia no mundo. Um índio governar a Bolívia é mais autêntico do que um boliviano falando com sotaque inglês, não é? E um negro que teve uma carreira política meteórica... Eu achei uma... Acho...



Jornalista: Um mandato de senador (inaudível)

Presidente: Eu acho que ele é um cara... E ele tem a cara boa. Tem uma coisa que minha mãe dizia: você quer conhecer um homem, você olha nos olhos dele. As pessoas mostram que são boas. E eu acho que o Obama...

Jornalista: A cara dele é...

Presidente: ...é boa.

Jornalista: E a cara do Bush, ela é boa também?

Presidente: Eu tenho dito para ele...

Jornalista: (inaudível) sem sacanagem...

Presidente: Eu tenho dito para o Obama, o seguinte: Obama, você tem, nos Estados Unidos, a mesma responsabilidade que eu. Eu, quando ganhei as eleições, Obama, eu defini na minha vida que eu não podia fracassar, porque se eu fracassasse ia levar 200 anos para um operário pleitear ser presidente da República outra vez. Você, Obama, se fracassar, vai demorar dois séculos para um negro voltar a ser presidente dos Estados Unidos. Então, meu filho, sobre as suas costas, tem a responsabilidade extraordinária de fazer mais e fazer melhor do que todos fizeram. A sua relação com a América Latina, a sua relação com a África, está tudo para construir. A reunião que nós fizemos... O encontro de Trinidad e Tobago era um encontro tenso. O Obama estava preocupado, a equipe dele estava preocupada. Nós...



Jornalista: O Brasil mesmo foi chamado para ajudar. Estava naquele momento em que não se sabia que...

Presidente: Eles tinham muita dúvida do comportamento da esquerda latino-americana no negócio. Eu conversei com o Obama antes, lá em Nova Iorque, em Washington, e falei: Obama, não tem nenhum problema. Você vai ver que é uma reunião tranquila. Todo mundo ali é maduro, todo mundo... E você é uma chance, Obama. Você... Na verdade, quase que eu falo: você é o cara, porra. Você é o cara que pode construir essa nova relação com a América Latina, sem preconceito. Nós não queremos muito. Nós queremos apenas que vocês tenham uma relação de parceria. O embaixador americano não pode se meter em eleição nos países, Obama. Você tem que ajudar os países da América Central a se desenvolverem, precisa resolver o negócio de Cuba, Obama. Qual é a explicação para esse maldito bloqueio? Não existe mais explicação. Eu acho que ele é a chance que nós temos, é a chance que nós temos. Depois nós fizemos, lá, uma reunião da Unasul com ele, e foi extraordinária a reunião.

Jornalista: Por quê?

Presidente: Porque estava tenso, depois falou uma série de pessoas. O Chávez se levantou e entregou o livro “As Veias Abertas da América Latina” para ele...

Jornalista: Ah, o livro (incompreensível), não é?

Presidente: Distensionou um pouco... Aí, eu expliquei o que era a América Latina, quem era cada um de nós que estava ali, como é que tínhamos chegado ao Poder. Eu acho que foi uma coisa maravilhosa. Aí, a reunião transcorreu como se nós fôssemos todos velhos amigos e... Porque em política



tem uma coisa que não pode estar fora da mesa, que é a relação pessoal entre as pessoas.

Jornalista: Sem querer fazer uma coisa, mas, assim: o senhor também tinha uma boa relação com o Bush. Se fosse um republicano, o que seria melhor ou pior para a gente? Só em geral, só estou... Só para entender, porque você falou “o Obama é a nossa chance”. Eu também acho que é, mas...

Presidente: É muito difícil. Se você pegar um empresário brasileiro, ou um economista, alguma coisa, você vai dizer o seguinte: do ponto de vista da relação comercial, os republicanos poderiam ser melhores, porque eles são menos protecionistas do que os democratas. Os democratas têm um peso maior nas entidades sindicais americanas, portanto, é normal que sejam mais protecionistas. Mas eu não quero cometer o erro que eu cometi em 1980. Em 1980, quando o Reagan ganhou do Carter, estava no primeiro aniversário da Revolução Sandinista, e eu disse: saiu a Coca-Cola e entrou a Pepsi-Cola, é a mesma coisa.

Jornalista: Não é, não é?

Presidente: Não é a mesma coisa. Eu acho que os Estados Unidos têm uma chance extraordinária.

Jornalista: De eles também se transformarem?

Presidente: De mudarem a relação com o mundo, de não se sentirem responsáveis pelo mundo, porque esse é o problema: é que os Estados Unidos se acham os responsáveis pelo mundo. Por exemplo, quando eu criei o Conselho da Defesa, propus o Conselho da Defesa na Unasul e agora propus



o Conselho de Combate ao Narcotráfico, eu falei para o Obama: Obama, eu quero tirar das tuas costas a responsabilidade de cuidar do narcotráfico na América do Sul. É um problema nosso, é um problema nosso. O problema de cuidar do narcotráfico na América do Sul é dos presidentes da América do Sul.

Jornalista: Mas a gente consegue cuidar do narcotráfico?

Presidente: Consegue. É só determinar como prioridade. Porque eles também não conseguem.

Jornalista: Não, inclusive a política é considerada um fracasso.

Presidente: Porque tem que ter um jogo combinado. Eu tenho que combater a produção de droga com o combate à produção do consumo. Só que combater a droga em outro país é mais fácil porque não são meus eleitores. Agora, tratar do drogado no meu país, eu estou lidando com os meus eleitores, então aí o buraco é mais embaixo.

Jornalista: Presidente, o senhor acha que a droga é uma questão mais de saúde pública ou mais de segurança? Qual é a...?

Presidente: Depende. Eu acho que ela pode ser vista como uma questão de saúde pública pelo usuário e uma questão de segurança pelos fabricantes.

Jornalista: Mas daqui para a frente, o senhor acha o quê? Que a tendência é uma tolerância um pouco maior, uma coisa rumo... tem gente até que fala em liberalização. Estou engatando na conversa. Como é que o senhor vê?



Presidente: Eu te confesso que eu não acho que ajuda liberar. Sabe, eu te confesso que eu não acho. Tem um debate acadêmico no Brasil, tem especialistas discutindo isso. Agora, qual é o dado concreto? Nós temos que partir do pressuposto que é o seguinte: Por que o cidadão usa droga?

A droga, em um primeiro momento, deve ser uma coisa que leva as pessoas a um conforto. Eu tenho comparado muito a droga ao protecionismo. Nessa crise, eu fazer protecionismo é como ingerir uma droga: vai te dar um conforto momentâneo, mas a médio prazo vai...

Jornalista: Vai te fazer mal.

Presidente: ... Vai criar um problema muito sério.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Então, o que nós precisamos, na verdade, é o seguinte: é ser muito duro no controle das nossas fronteiras, e aí tem que ter todos os países trabalhando juntos, é ser muito duro com o traficante. Porque aí você diminui o usuário, e o usuário você tem que estabelecer uma política de tratamento.

Eu estou convencido de que no Brasil tem um ingrediente, e no mundo inteiro, que é a família. A família deve ser o primeiro elo para poder...

Jornalista: Para você...

Presidente: ...para poder consertar as pessoas. Eu acho muito difícil a gente querer consertar um jovem fora da família. Se você não envolver pai, mãe e irmãos, em cuidar daquele jovem, e achar que o Estado sozinho resolve, não vai resolver. Porque é um problema de degradação da estrutura social da família brasileira, e no mundo inteiro: a quantidade de informações deformadas



que as pessoas recebem, a quantidade de filmes que essas crianças vêem na televisão no mundo inteiro. As pessoas começam a matar às cinco da manhã, terminam às cinco da manhã do ano [dia] seguinte, ou seja, sem parar. Hoje você pega um moleque brincando no videogame, é uma metralhadora correndo atrás do outro o tempo inteiro. Já não se leva mais em conta que tem idade para lidar com as coisas. Então, virou apenas um... Eu acho que tudo isso vai provocando as pessoas.

Jornalista: Isso pode ser uma coisa preocupante para o futuro.

Presidente: Eu acho extremamente preocupante.

Jornalista: Presidente, voltando a falar em futuro aqui, que é o nosso tema, eu vou fazer uma pergunta simples. Teve uma medida que o governo tomou, que foi muito acertada, para recuperar a economia, na minha opinião, que foi a redução do IPI. Foi uma coisa que funcionou, teve uma retomada de vendas de automóveis, depois isso se estendeu para geladeiras (incompreensível), uma redução de impostos que conseguiu reativar setores que iriam passar por problemas. E se a gente olhar o histórico dos últimos 20 anos, a carga de impostos brasileiros vem aumentando sucessivamente. Eu queria perguntar para o senhor, basicamente, olhando para o país daqui a 20 anos, se o senhor vê um brasileiro pagando mais ou menos impostos? Se é possível a gente pensar nisso, no Brasil pagando menos imposto?

Presidente: Eu penso que era preciso que a gente fizesse uma outra avaliação. Primeiro, eu sou defensor de que as pessoas paguem menos impostos se o pagamento de menos impostos não aumentar apenas o lucro empresarial, mas aumentar a geração de empregos e a distribuição de renda. Há uma contradição, meu filho: em todos os países mais pobres do mundo, a



carga tributária é muito baixa. [Em] todos os países com melhor qualidade de vida, a carga tributária é muito alta, [em] todos. Você pode pegar da Finlândia até a Inglaterra para ver a carga tributária.

Jornalista: E é real, porque tem lugar [em] que a carga é alta, mas ela não é paga.

Presidente: Em alguns lugares você taxa menos a produção e taxa muito a pessoa física, o rendimento, porque não existe outro jeito de fazer justiça social. Como é que você acha que a Suécia construiu aquele estado de bem-estar social? Que a Noruega, que a França, que a Inglaterra? É com uma forte capacidade de arrecadação do Estado. Lógico que se o Estado criar as condições para ir desonerando investimentos e o setor produtivo, e ir aumentando o pagamento da renda, você pode substituir, você pode ir criando as condições. Mas eu conheço país aqui na América Latina que tem uma carga tributária de 12, cresce a 7% todo ano, e o país não consegue fazer política social nenhuma, porque não tem dinheiro. Na verdade, se você tiver uma carga tributária pequena, você não tem Estado, porque você não tem Forças Armadas, porque você não tem instituições.

Viu, Paulo, essa coisa de Estado mínimo... Eu queria que vocês prestassem atenção, porque esse é um debate que eu fiz em 1989. Esse debate que eu fiz em 1989... É uma coisa, é uma bobagem! Não precisa escrever o que eu vou dizer agora. As pessoas falam que o Estado gasta muito com salário. Você sabe quanto ganha o Franklin, aqui?

Jornalista: Milionário, milionário.

Presidente: Dez mil reais, bruto. Na Globo ele deveria ganhar no mínimo uns 60 ou 70. Fora o “tchan” de ele poder fazer duas palestras por semana e



ganhar mais 50 ou 60. Aqui ele ganha 10 e trabalha, no mínimo, três vezes mais do que trabalharia lá. Então, eu poderia falar: bom, a Globo está inchada porque paga o dobro, o triplo do que ganha o Franklin, aqui.

Qual é o problema do Estado brasileiro? É que você ou tem um Estado que funciona ou você tem um Estado que não funciona. Como é que você pode melhorar a Educação sem contratar mais professores? Como é que você pode melhorar a Saúde sem...

Jornalista: Médico, enfermeira...

Presidente: Vou contar uma coisa para você. Faz quanto tempo que você não vê, nos jornais do Rio de Janeiro, fotografia de gente na fila do INSS? O que aconteceu? Teve uma greve no governo passado – eu não vou dizer o nome do Fernando Henrique Cardoso – mas no governo passado teve uma greve de peritos. O que eles fizeram? Acabaram com a peritagem e terceirizaram. Então, o Paulo Moreira Leite ia ao médico...

Jornalista: Ah, pode ter licença (incompreensível)

Presidente: ...e aí ele precisava de um oftalmologista. Aí o cara marcava, assim... Bom, você foi hoje ao médico. A empresa te tratou, e os primeiros 15 dias você ficou por conta da empresa. Você foi ao INSS, passou na perícia, a perícia falou que você tem que ir ao especialista, a um urologista. Aí você vai marcar. Aí marca para oito meses [depois]. Nesses oito meses, a Previdência fica te pagando. Fica pagando! O que nós fizemos? Nós contratamos mais de 3 mil peritos e criamos um – como é que se chama, meu Deus do céu? – um telefone...

Jornalista: Um telemarketing.



Presidente: ...telemarketing, o 135. Você pode ligar da sua casa hoje, quando você chegar em casa, ligue o 135 da Previdência. Então, hoje, o máximo que demora é cinco dias. Não precisa mais fila. Aposentadoria por tempo de serviço, em 30 minutos; auxílio natalidade, em 30 minutos. E agora, a partir de junho, você vai ver a novidade. Você vai estar na sua casa, e você vai receber uma carta do INSS dizendo o seguinte: “Paulo Moreira Leite, o senhor completou o seu tempo de contribuição, o senhor tem direito a se aposentar, e a sua aposentadoria é de tanto. Se você quiser, nos procure”.

Jornalista: Isso vai acontecer mesmo?

Presidente: Vai acontecer mesmo.

Jornalista: Presidente, olhando para...

Presidente: Deixe-me só terminar este raciocínio aqui. Então, se você quiser que o Estado funcione, você precisa aparelhar o Estado. Por exemplo, como é que você vai controlar a Amazônia, se você não tiver funcionários do Ibama? Como é que você vai controlar? Como é que você vai melhorar o atendimento do balcão, se você não tiver gente para atender no balcão?

Então, as pessoas de vez em quando fazem críticas, eu diria, irracionais. Aqui nós somos... O PAC: pergunte para a Caixa Econômica quantos engenheiros ela precisou contratar, de imediato? Porque não estava acostumada a construir casas. Na hora em que você dá um monte de casas... Esse pacote “Minha Casa, Minha Vida”, esse programa, eu reuni a Dilma e o Guido e falei o seguinte: eu quero fazer um programa habitacional, quero fazer grande. Aí, foram conversar com os empresários. Os empresários falaram: “Ah, acho que dá para fazer 200 mil”. Eu falei: duzentas não é programa, pô, eu



quero programa. Aí, o Guido falou: “Dá para fazer 500...”. Eu falei: quinhentas, não, vamos fazer um milhão de casas. Aí, o que eu percebi? O Brasil não estava preparado para isso, meu filho, não estava preparado. Então, se você quiser fiscal para fiscalizar as nossas obras... Nós tivemos que fazer concurso para mais de 600 engenheiros, porque não tinha.

Ministro Franklin Martins: O DNIT tinha três engenheiros, não é?

Presidente: O DNIT, para cuidar do Brasil inteiro, com três engenheiros... Onde é que está o Estado?

Então, eu acho que essa é uma discussão falsa. Eu acho que o governo não pode gastar o dinheiro todo em custeio mas, ao mesmo tempo, o governo tem que se acertar. Sabe o que acontece conosco aqui no governo? O governo tem quadros importantíssimos, tem gente de excelência. O que eu penso? O cara faz um concurso para entrar no Inmetro. Ele passou no Inmetro e não vai trabalhar no Inmetro. Aquilo foi um vestibular para ele. Ele quer vir para o Senado, ele quer ir para o Poder Judiciário, ele quer ir para outro lugar, ele quer ir para a Petrobras. São quase pessoas geniais, porque um concurso público é muito difícil. É muito difícil um concurso público, não é fácil, não. Não sei se você já leu um...

Jornalista: Nem tentei, mas eu sei que as pessoas fazem.

Presidente: É muito difícil. Então, o cara passa, daqui a pouco você oferece seis mil para ele e ele vai embora, porra, ele vai embora. Advogado-Geral da União... Todo mundo quer procurar sempre quem ganha [paga] mais.

Então, eu acho que o Estado tem que ter um conjunto de pessoas altamente capacitadas... Quanto é que você acha que ganha um cara do Banco Central? O que ganha mais, acho que ganha R\$ 14 mil por mês, para cuidar de



bilhões e bilhões e bilhões. Quanto é que ganha a Secretária-Geral da Receita Federal, para cuidar de bilhões? Se fosse na iniciativa privada, ganharia R\$ 200 mil, 300 mil, com apartamento, com casa, com tudo.

Um tempo desses, eu convenci uma pessoa a não ir trabalhar na Shell. A Shell ofereceu para ela US\$ 60 mil por mês, um apartamento em Londres e um no Rio de Janeiro para morar, e com direito a duas viagens com a família de Londres para o Brasil. Eu falei para a pessoa: “Você não pode deixar, você tem que esperar eu terminar o governo, você é minha companheira”. Essa pessoa, abrir mão disso para ficar aqui... Mas ela ia ganhar, em um mês, três vezes o que ela ganha na Petrobras. E de vez em quando nós achamos que esses caras são “marajás”.

Então eu acho, companheiros, que o futuro deste país não comporta hipocrisia, não comporta hipocrisia. Nós temos que... O Estado só vai prestar serviço à sociedade se o Estado estiver bem aparelhado, e bem aparelhado, ele tem que ter jornalista bem pago, tem que ter médico bem pago, tem que ter advogado bem pago, tem que ter economista bem pago.

Também não escrevam isso aqui não, por favor. Esses dias, eu estava dando uma entrevista lá no Rio de Janeiro. Um monte de jornalistas, o Franklin estava lá. O Franklin, acho que nem viu. Aí veio esse negócio do Estado. Aí, eu perguntei para o jornalista: vocês têm coragem de dizer o quanto vocês ganham? Ninguém disse. Eu falei: sabe por quê? Porque vocês acham que o Estado paga muito, mas todos vocês ganham mais do que o Franklin, que outro dia era chefe de todos vocês. É parar com essa bobagem de que o Estado paga muito. O Estado paga mal. O que eu vejo é todo dia a empresa privada roubando gente nossa, roubando gente nossa.

Eu posso te dar exemplo de companheiros que saíram do governo... Também não...

Jornalista: Não está ligado.



Presidente: O problema do Ricardo Kotscho. O Ricardo Kotscho ganhava aqui o salário do Franklin. Vejam quanto o Kotscho está ganhando hoje, para fazer um bloguezinho. Veja quanto ele ganha hoje. Então, eu sou contra o Estado gestor, eu quero o Estado indutor. Eu sou favorável ao Estado indutor e ao Estado fiscalizador, regulador. Eu não acho que a gente tenha que ter a máquina inchada, não. A máquina tem que estar azeitada e funcionando bem e acho que o pessoal tem que ser bem remunerado. Essa é a minha tese.

Jornalista: Eu tinha uma pergunta que eu acho importante para discutir o futuro, que é a questão da Previdência. A população envelhecendo, a gente vai precisar ter recursos não só para arcar com mais aposentadorias, mas também para ter um sistema de saúde capaz de cuidar de uma população envelhecida, o que é muito mais caro. Muita gente diz que a nossa Previdência não precisa de reforma, que o déficit tinha caído em 2007, 2008, agora voltou a subir. A minha pergunta para o senhor é: o que o senhor acha que a gente deve fazer para os próximos 20 anos em relação a essa questão?

Presidente: Eu vou contar duas coisas para você. Primeiro, eu sou defensor da ideia de que a cada 30 anos nós temos que ter reforma da Previdência. A cada 30 anos, a geração... uma geração tem que preparar a Previdência para a outra. Por quê? Porque antigamente a gente se aposentava com 35 anos de trabalho, mas vivia até 60, 58, 62 [anos]. Na minha geração, a gente não conhecia os avós. Hoje, as pessoas estão com a média de 73 [anos], mas daqui a pouco chegaremos a 80, 90 [anos]. Então, as pessoas não podem ficar aposentadas mais tempo do que contribuíram. Esse é um trabalho de convencimento, é um trabalho de convencimento, que eu já tenho conversado muito com os dirigentes sindicais. Você tem que fazer um processo de reforma na Previdência pensando daqui a 30 anos. Isso é possível construir, não é



difícil, convencer a sociedade de que em 30 anos uma geração produz para outra. Então, você tem sempre uma atualização da Previdência Social, porque os avanços também demoram décadas.

A segunda coisa é o seguinte: no Brasil, cometeu-se um crime contra a Previdência quando a gente fala [em] déficit da Previdência. O déficit não é da Previdência. Se você pegar a relação entre o contribuinte... os trabalhadores que pagam e o que eles recebem, ela empata. Onde é que nós... o Tesouro jogou habilmente – e nós estamos mudando a contabilidade agora –, o Tesouro jogou nas costas da Previdência a seguridade social. Nós criamos o Cofins para isso, e aprovamos na Constituição a política de seguridade social. Então, o Tesouro habilmente jogou nas costas da Previdência um déficit que não é da Previdência.

Jornalista: E vamos separar as contas agora?

Presidente: Tem que separar as contas. Tem que separar as contas para o povo saber: tal coisa é uma decisão do Estado brasileiro em ter uma política de seguridade social e tal coisa é a Previdência Social, para ficar claro.

Jornalista: (incompreensível) pagando a conta.

Presidente: É lógico, porque senão fica nas costas da Previdência uma dívida que não é dela. Então eu... Para terminar, eu queria dizer para vocês o seguinte: eu, possivelmente, sou o mais otimista dos seres humanos com relação ao futuro do Brasil. O Brasil hoje é um país levado em conta. E a gente... O ser humano não é levado em conta...

Jornalista: À toa.



Presidente: ...pela quantidade de dinheiro que ele tem, pelo tamanho do país. Ele é levado em conta pelas coisas que ele faz, pela sua relação pessoal.

Jornalista: Pelo que ele é.

Presidente: E pelo que ele é. O Brasil teve muitas décadas de subserviência. Isso acabou. Dois seres humanos, independentemente do tamanho do Estado, têm que se encontrar, olhando um no olho do outro, e dizendo que nós somos iguais, nós somos dirigentes e cada um representa o seu povo. Então, o Brasil está em uma condição altamente favorável.

Eu sou otimista com relação ao futuro, inclusive com relação às disputas presidenciais. Outro dia eu disse: feliz de um país que terá em 2010 uma disputa entre Serra e Dilma. Você não tem nenhum troglodita de direita. Você não tem.

Jornalista: Você não vai ter um retrocesso.

Presidente: Você vai ter duas pessoas que têm passado político, que têm divergências, que têm concepções diferentes, mas duas pessoas que têm passado.

Jornalista: Mas isso é democracia.

Presidente: Como o Brasil teve... Eu acho que foi importante eu e o Fernando Henrique Cardoso disputarmos. Foi uma melhora no quadro, espetacular. E isso é uma conquista do Brasil, é uma conquista do Brasil, é uma conquista de todo mundo. Acho que a sociedade brasileira... Eu sou muito crítico à imprensa, mas eu acho que a imprensa tem muito a ver com essa consolidação, pelo mal e pelo bem. Eu acho que o Brasil tem lições de



democracia para dar ao mundo. Na questão eleitoral, o Brasil pode ensinar o mundo. Como é que um país rico como os Estados Unidos ainda fica contando voto, papel por papel, pô. Qual é a lógica?

Jornalista: A eleição para senador que eles vão terminar agora.

Presidente: E nós aqui, depois das cinco horas... Às sete horas eu já sabia que era Presidente da República. Então, esse é um avanço extraordinário, e eu acho que a sociedade está evoluindo.

Eu acho que nós temos que acreditar mais na Educação, temos que acreditar mais em ciência e tecnologia, tem que preparar este país [com] de obra de infraestrutura. A gente não tem medo de fazer concessão de estrada, fazer concessão de portos. O que nós precisamos é fazer este país dar um salto de qualidade. Eu acho que nós estamos andando nisso.

Eu, quando deixar a Presidência... Eu sempre achei o seguinte: rei morto, rei posto. Ex-presidente não dá palpite nas coisas. Mas o que eu acho? Eu acho que quem vier depois vai pegar o País mais elaborado, mais estruturado, e aí fica mais fácil, fica mais fácil. E eu quero contribuir...

Jornalista: Mas esse é o seu legado: é o País mais estruturado. Não é...

Presidente: ...naquilo que eu puder contribuir, eu quero que este país esteja muito mais estruturado para quem vier depois de mim e pedir a Deus que o outro que vier depois de mim, ou a outra, deixe o País muito mais preparado para que em 2020, dois mil e... eu trabalho muito com a questão de 2022.

Jornalista: É?

Presidente: Trabalho muito com a questão – que são 200 anos de



Independência – então eu trabalho muito com isso. Para isso eu trouxe o companheiro Mangabeira, para ajudar a pensar o Brasil para o futuro. As coisas estão indo, estão indo.

Agora, Paulinho, eu vou embora, mas eu queria que o Cézar mostrasse para vocês – que é uma coisa que eu não sei como utilizar ainda – o mapa do Brasil com as obras do PAC.

Jornalista: Eu quero ver.

(\$31DHJLP)